

**ALGO DE SAGA, ALGO DE SAGAZ:  
PROJETO POLÍTICO, PRODUÇÃO E CONSUMO CULTURAL EM  
MOSSORÓ-RN NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.**

Francisco Fabiano de Freitas Mendes  
Doutor em História Social  
Prof. Adjunto do Dep. de História – Campus Central  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
fabianomendes@uern.br

Resumo: Desde os anos 1870, Mossoró, segunda maior cidade do Rio Grande do Norte, destaca-se como entreposto comercial estratégico entre Natal, Fortaleza e João Pessoa. A partir de 1940/50, começa a produção e circulação sistemática de produtos culturais e a instalação de novos equipamentos de consumo e difusão da cultura letrada na cidade: o Museu Público Municipal, a Biblioteca Pública Municipal e o Boletim Bibliográfico. Tais equipamentos estariam a serviço de uma batalha pela cultura que deveria ser constantemente travada. Em 1949, na esteira desse projeto e como desdobramento do *Boletim Bibliográfico*, formou-se a *Coleção Mossoroense*. Parte do objetivo geral dessas instituições era a construção de uma espacialidade que unisse inclinação para o moderno com reconhecimento dos heróis dessa empresa: os membros da família Rosado. A *Coleção Mossoroense* – monumental e heterogêneo apanhado de textos – promoveu o registro da construção de um imaginário para a cidade com base nos princípios da resistência, liberdade e pioneirismo. Hoje, quando tomada por objeto, as particularidades da coleção ajudam a desnudar o projeto de política cultural que marcou a cultura política adotada pelo grupo durante a segunda metade do século XX.

Palavras-chave

Produção de saberes. Equipamentos culturais. Cultura letrada.

### **Introdução**

No processo de crescimento econômico – mais forte nas primeiras décadas do século XX – as elites locais de Mossoró seguiram o roteiro da integração capitalista constituída de maior mobilidade social e recursos da modernidade, bancando a instalação de cinemas, clubes e lojas, importando consumo e comportamentos estadunidenses, europeus e cariocas para uma realidade sertaneja. Nos anos 1940, mais precisamente a partir de 1947, ladeado pelo irmão Dix-sept Rosado, à frente da prefeitura municipal, e por outro irmão, Dix-huit Rosado, atuando na Assembleia Legislativa, Vingt-un Rosado<sup>1</sup> instalou, ainda em 1948, o Museu Público Municipal, a Biblioteca Pública Municipal e

---

<sup>1</sup> Vingt-un Rosado (1920-2005) foi o vigésimo primeiro e último filho de Jerônimo Ribeiro Rosado e Isaura Rosado Maia, sua segunda esposa. O patriarca da família Rosado foi um paraibano da cidade de Pombal

o *Boletim Bibliográfico*. Estes equipamentos, em especial o desdobramento do *Boletim Bibliográfico* na *Coleção Mossoroense* – atuante até os dias atuais –, concorreram para a formação da imagem de saga ligada aos projetos políticos da família Rosado, o que lhes confere também o caráter de engrenagem numa estrutura político-narrativa bastante sagaz.

### **Algo de Saga**

Para entender porque Mossoró constituiu, à semelhança das configurações nacionais certo “capitalismo editorial”, a ser entendido como um capital cultural a serviço da esfera política como um dos fundamentos da experiência nacionalista que deita em papel projetos e estratégias de uma elite política envoltos em atmosfera mitológica na qual passado e presente se confundem na manutenção de características que se pretendem atemporais (ANDERSON, 2008, p. 51-70), é preciso entender a dimensão da *Coleção Mossoroense* com seus mais de quatro mil títulos divididos em sete séries, de "A" a "G", sistematizadas por assuntos e formatos assim distribuídos (FELIPE, 2001, p. 118):

- A - Folhetos de grande formato
- B - Plaquetas
- C - Livros
- D - Cordéis
- E - Periódicos
- F - Memorial dos Mossoroenses
- G - Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do RN

À exceção de ter em seu catálogo uma das maiores coleções de obras sobre as secas, a característica geral da *Coleção Mossoroense* de ser mais reconhecida pelo selo editorial do que por um conjunto de linhas temáticas específicas leva a pensá-la como um impulso à prática da leitura e ao universo que rodeia o objeto livro. Sem haver meios de levantar o grau de penetração dos títulos da coleção, aos moldes de uma história da leitura,

---

que em 1890 se mudou para Mossoró a convite de um amigo cearense para instalar uma farmácia. Na nova cidade, aproveitando a posição de empresário e aliado das lideranças políticas locais e da experiência como fiscal da iluminação pública no Rio de Janeiro, Jerônimo Rosado se destacou como empreendedor e negociante de oportunidades aliando serviços públicos e iniciativa privada. Chegou inclusive a assumir a intendência do município em mais de uma ocasião. Essa é a raiz do poder econômico e do diálogo estabelecido com a esfera política que permanece no século XXI e cujo entendimento passa, obrigatoriamente, pela figura de Vingt-un Rosado, o maior responsável pela construção de um imaginário cravado na história de Mossoró e do Rio Grande do Norte nas últimas sete décadas (FELIPE, 2001; FERNANDES, 2010).

é curioso perceber como mais ou menos um século depois do crescimento e da definitiva instalação da prática da leitura na Europa, sobretudo na França, a *Coleção Mossoroense* acabou por capturar, a seu modo e no interior do nordeste brasileiro, aspectos daquele movimento.

Olhando para a expansão da leitura de massa na França em meados do século XIX, estiveram na proa da popularização da cultura escrita os romances-folhetins estrategicamente instalados nos jornais e os próprios jornais populares, quando conseguiram atingir o valor de um centavo. Também foram importantes as coleções de romances a preços módicos. Mas é destaque também – e aqui o que mais nos interessa – “os livros de divulgação científica e, entre eles, em incontestável primeiro lugar, os dicionários e as enciclopédias, essas bibliotecas portáteis contendo o conhecimento do mundo”. (MOLLIER, 2008, p. 08-09)

As coleções, como as definiu Mollier, faziam parte de uma política editorial que se constituía em projeto cultural e que, em última instância, fazia parte, ou era, em si mesma, uma política cultural.

A *Coleção Mossoroense* guarda as características que Mollier descreveu para os textos de não-ficção. No entanto, em suas particularidades, parece ter açambarcado para si todas as possibilidades do que seria uma coleção. Afinal, mesmo se se tratasse de uma biblioteca cujos objetivos fossem selecionar, adquirir e desbastar obras de um único tema ou dos mais variados temas possíveis, ainda assim, como sustenta Simone Weitzel, “formar e desenvolver coleções vai mais além que selecionar e adquirir obras” (2012: 180).

Ainda traçando um paralelo com Mollier, esse aspecto da *Coleção Mossoroense* a coloca num meio termo em relação às coleções que davam ao leitor a ideia de que ele encontraria novos títulos confortavelmente localizáveis em relação a temas estabelecidos cujo gosto e demanda estavam garantidos e aquelas que “visavam à universidade”, um universo do “amontoamento, do bric-à-brac de objetos mais ou menos inassimiláveis, reunidos apenas para dar ao leitor a ilusão de que sua posse era indispensável ao homem moderno” (MOLLIER, 2008, p. 132-133).

O exemplo dos dicionários é ilustrativo: no catálogo mais atual e completo da *Coleção Mossoroense* constam 23 títulos com o formato de dicionário, com destaque para

os cinco fascículos de *A engenharia nacional passou por Mossoró, seguindo as pegadas do “sonho grafiano” – dicionário dos guerreiros da grafiana saga ferroviária de Mossoró ao São Francisco* (reeditados em 2000) , os seis números do *Dicionário de “O Mossoroense”*, o autopromocional *Dicionário do pioneirismo de Vingt-un* (1993) e *Mossoró na Enciclopédia e Dicionário Internacional* (1998). Essa faceta mostra certo apelo ao registro o mais técnico possível – a utilização do gênero textual dicionário aponta para isso – aliado à autofagia e à promoção dos mitos cuja análise não caberia no limite destas páginas.

Mas é a expressão “saga” que merece nossa maior atenção. Além dos volumes do ... *dicionário dos guerreiros da grafiana saga ferroviária...*<sup>2</sup>, há textos sobre a saga da Batalha da Cultura, a saga da formação da Escola Superior de Agronomia de Mossoró, a saga da abolição da escravidão e até a saga da realização dos Congressos Científicos. Mas é à saga da Batalha da Água que queremos deter nossa atenção e assim apresentar uma espécie de modelo de atuação desse tipo de texto fortemente presente na coleção.

Na plaqueta *A história da água em Mossoró é a própria saga heroica dos Rosado (sic)*, de 2001, Vingt-un dá uma clara demonstração de como o eixo reconhecidamente mais importante da coleção – a questão da seca no Nordeste – encontra perfeita sintonia com outro eixo: os feitos da família Rosado. Fazendo uma espécie de mitologia política a partir de Jerônimo Rosado (o patriarca), o autor defende a visão de como os membros fundamentais da família lutaram (e lutam) pelo progresso da cidade e da região há mais de um século.

A narrativa alia genealogia, memória, sentimentalismo, firmação imaginária e funciona muito bem no texto superficial de pouco mais de cinco páginas (ROSADO, 2001).

Sobre Jerônimo Rosado o foco é o denodo pioneiro em 1919: “foi o primeiro da sua família a lutar desesperadamente pelo abastecimento d’água de Mossoró”. Sobre Dix-Sept Rosado (o prefeito e governador, morto em acidente aéreo), o sacrifício imorredouro: “Naquele distante ano ele assumia o grande compromisso de sua existência, que o levaria

---

<sup>2</sup> O termo “grafiana” remete ao suíço Ulrick Graff, que na segunda metade do século XIX desenvolveu negócios no Brasil e se instalou em Mossoró. Aqui traçou um plano com lideranças locais para a construção de uma grande estrada de ferro que iria de Aracati-CE até o Rio São Francisco.

ao sacrifício da própria vida, aos 12 de julho de 1951. Tornava-se o imortal da saga heroica”.

Sobre Vingt Rosado (um dos herdeiros do capital político de Dix-Sept), a sobrevivência da luta com obras locais com o mandato de prefeito a partir de 1953: “Vingt e Silvio Pedrosa (sic)<sup>3</sup> [governador do Rio Grande do Norte após a morte de Dix-Sept], mesmo lutando contra a má vontade do presidente Café Filho, executaram o projeto Saturnino de Brito”<sup>4</sup>.

Sobre Dix-Huit Rosado (outro herdeiro do capital político de Dix-Sept), a continuação engenhosa rumo a conquista atuando na arena legislativa nas décadas de 1950 e 1960 e na administração municipal nas de 1970, 80 e 90: “realizou o maravilhoso projeto de trazer as águas minerais potáveis, do arenito Açú, quase das lonjuras do Japão, a mil metros de profundidade”.

Sobre Laíre Rosado (genro de Vingt Rosado que atuou como Deputado Federal na década de 1990) e Rosalba Ciarlini (nora de Dix-sept e prefeita de Mossoró na época na escrita da plaqueta), o arremate, a consolidação e o período próprio da narrativa: “Laire Recebeu das mãos de Vingt a bandeira do açude Santa Cruz, que será a etapa seguinte da Adutora Jerônimo Rosado<sup>5</sup> [...] Rosalba está executando um projeto exemplar no abastecimento das áreas rurais.”

A linguagem simples, quase de um relatório, tem no seu final, com o artifício de tiques, uma eficiência cristalina ao fechar o laço que o título da plaqueta quer fazer crer:

1890 — Ano em que o farmacêutico Jerônimo Rosado chegou a Mossoró para iniciar a luta incessante pelo abastecimento d'água da cidade.

No dia 24 de março de 2000, Mossoró recebia, oficialmente, a Adutora Jerônimo Rosado. Com proposta de acabar em definitivo com o grave problema da falta d'água na segunda maior cidade do Rio Grande do Norte, a obra de R\$ 40,5 milhões está cumprindo sua finalidade. (*Idem*)

---

<sup>3</sup> Governador do Rio Grande do Norte após a morte de Dix-Sept Rosado, de 1951 a 1956.

<sup>4</sup> O chamado projeto Saturnino Brito era fruto do tradicional Escritório de Engenharia Civil e Sanitária Francisco Saturnino Brito, sediado no Rio de Janeiro. Na *Coleção Mossoroense*, o projeto é analisado pelo engenheiro italiano Pedro Ciarlini – esse sobrenome comporá a órbita do poder dos Rosados a partir da década de 1990.

<sup>5</sup> A referida adutora, obra concluída no governo de Garibaldi Alves Filho, recebeu o nome daquele que seria o primeiro a pensar e realizar medidas para a questão do abastecimento de água em Mossoró. Justa ou não, a homenagem é mais um elemento na construção imaginária do que teria sido a atuação secular dos Rosados.

O *modus operandi* desse veio político da *Coleção Mossoroense*, definido por Lacerda Felipe como “fábrica de imortais”, pode ser verificado em vários outros temas: educação, cultura, administração pública. Sempre há o recurso a trechos publicados em outros canais – principalmente o jornal *O Mossoroense* – e o requestrar de títulos da própria coleção; além de vários equipamentos urbanos úteis à formação cidadã por meio da formalização da cultura via letramento. É a partir deste ponto de vista que se verifica o uso sagaz das sagas; existentes, mas hiperbolizadas.

Assim aparentando ser Mossoró a finalidade de todas as sagas, estão os membros da família Rosado de algum modo em cada uma delas, atuando ou registrados como atuantes e se representando como meio para a vitória nas sagas. Não à toa foi Vingt-un quem cunhou a expressão “País de Mossoró”, chiste que, se por um lado releva um tanto enorme de provincianismo por outro revela tanto igual de engenho ao construir uma malha discursiva repleta de materialidade com correspondentes no real que flagra um processo histórico verificável.

### **Algo de Sagaz**

Partamos da atuação política para desenvolvermos a chave interpretativa do projeto de mando e seu viés sofisticado de atuação por meio dos mecanismos culturais. Com vários membros da família Rosado ocupando lugares com diferentes graus de poder e nos mais variados contextos durante a segunda metade do século XX, sob a liderança de Dix-sept, eis a estruturação e o alcance da equipe:

Num primeiro momento que é o definido por Dix-sept, Vingt Rosado (farmacêutico), que já era vereador e manteria a coordenação desse poder local (Vingt foi 2 vezes vereador, prefeito de Mossoró – 1 mandato, deputado estadual – 1 mandato e deputado federal – 7 mandatos); Dix-huit Rosado (médico), que já era deputado estadual, seria o parlamentar do grupo (Dix-huit foi deputado estadual – 1 mandato, deputado federal – 2 mandatos, senador – 1 mandato, presidente do INDA – Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário, no governo Costa e Silva e prefeito de Mossoró – 3 mandatos) Vingt-un (agrônomo), Dix-neuf e Duodécimo compunham o sustento financeiro do grupo, cuidando das empresas da família (gesso, sal e oficinas retificadoras de motores), mas Vingt-un exerceria também uma outra função, a de intelectual do grupo e homem ligado à educação que propõe, através dos livros publicados pela *Coleção Mossoroense*, “esculpir a história da cidade”, realçando os seus mitos e sua ética de lealdade ao lugar. (FELIPE, 2001, p. 88-96)

É nesse sentido que ao longo de décadas os contatos e as iniciativas foram se solidificando, gestando um consumo cultural partindo de uma elite político-econômica local e alcançando camadas da população que se letrava utilizando material que remetia aos feitos dessa mesma elite.

O desdobramento do *Boletim Bibliográfico em Coleção Mossoroense*, a partir de 1949, é mais um elemento da esteira do projeto político dessa nova investida dos Rosados. O diferencial do projeto era ter política cultural uma de suas pilastras de sustentação. Quando nasceu, a coleção estava ligada à prefeitura, passando, em 1974 a se instalar e ter apoio financeiro da Escola Superior de Agronomia de Mossoró-ESAM, também criada por Vingt-un, em 1967 – hoje Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA. A terceira etapa da editora começou em 1995, quando foi criada a Fundação Vingt-un Rosado e os convênios e parcerias passam a acontecer também com as empresas instaladas no município, principalmente a Petrobras.

Mas a *Coleção Mossoroense* é uma peça (provavelmente a mais importante) de maquinaria complexa.

Em 1957, o Instituto Cultural do Oeste Potiguar-ICOP, até hoje na ativa, foi idealizado por Vingt-un Rosado e João Batista Cascudo Rodrigues, que cerca de dez anos depois viria a ser o primeiro reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte-URRN – hoje Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN. A ideia do instituto era, mas palavras Cascudo Rodrigues, dar concretude à vocação de Mossoró para a liderança de uma região que, se já delimitada pela posição geográfica, precisava ganhar conteúdo, visibilidade e, sobretudo, uma capital:

o Instituto que agora fundamos, com a consciência de suas finalidades, estabelecerá novos paralelos no panorama cultural do Oeste nordestino [...] pelos fatos característicos da geografia física, econômica e cultural. (RODRIGUES, 1991, p. 04-05)

A criação da escola superior e da universidade são elementos do projeto, que passaram, junto com outras entidades, como as lojas maçônicas, a acomodarem a chamada Noite da Cultura, evento iniciado em 1973 e que atualmente, com menos força e visibilidade, está na 32ª edição. A principal função da Noite da Cultura era reunir intelectuais, empresários, administradores, políticos, autoridades militares e demais

figuras consideradas de relevo na sociedade mossoroense para, acima de tudo, celebrar mais um ano da *Coleção Mossoroense* e seus feitos.

Na década de 1970, a família Rosado comprou o jornal *O Mossoroense*, fundado em 1872, um dos mais antigos do Brasil – hoje funcionando apenas em plataforma digital. O periódico não só viria a cumprir o papel comum do veículo, mas seria também mais um meio de aproximar a história da família com a história de Mossoró do século XIX; e mais, seria um veículo a mais da divulgação dos projetos e da consolidação da memória. Várias matérias publicadas n’*O Mossoroense* voltavam meses ou anos depois num suporte bibliográfico da *Coleção Mossoroense*, geralmente no formato plaqueta, promovendo, a partir de um novo suporte, novos tipos de relação com a memória que interessava ser revivida e afirmada.

Pode-se dizer que a coleção foi, aliás, a liga que dava forma a todo o projeto. Motivo de orgulho pessoal do seu idealizador e principal colaborador, a Editora Coleção Mossoroense chegou a lançar numa única noite, mais especificamente a 17ª Noite da Cultura, em 1991, um conjunto de 400 títulos editados num período de um ano. Obviamente o registro de tal feito acabou se tornando uma plaqueta, que anos depois viria ser lançada (1998), provavelmente aproveitando matérias saídas n’*O Mossoroense* quando do evento e engrossando a lista de títulos da própria coleção enquanto reavivava os feitos do patrono e, por conseguinte, da família e seu tino para deixar Mossoró em destaque estadual e nacional.

Pierre Nora chamou de “memória tomada como história”, a memória que “se apoia inteiramente no que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem.” E parecendo conhecedor da trajetória dessa família mossoroense, finaliza apontando o processo evolutivo do registro: “o movimento que começou com a escrita termina na alta fidelidade e na fita magnética” (NORA, 1993, p. 12) Hoje, *O Mossoroense* está na internet e grande parte do acervo da *Coleção Mossoroense* está digitalizada, dezenas de ruas, alguns bairros e outros equipamentos da cidade, como o teatro municipal, o ginásio esportivo e o aeroporto, todos trazem o nome de algum membro da família Rosado.

### **Considerações Finais**

No caso da *Coleção Mossoroense*, mesmo que não se consiga estabelecer com clareza os critérios das escolhas de seus colaboradores, da sua rede de produção, pode-se dizer que tão importante quanto a obra que viria a figurar em seu catálogo seria o contato que se estabeleceria com autores (vivos ou mortos) num movimento de agregação (fossem esses autores conscientes ou não dos papéis que estavam exercendo).

Assim, o projeto capitaneado por Vingt-un se encaixou na equação formulada por De Certeau: “a cultura no singular traduz o singular de um meio”, quando “o singular traça em caracteres cifrados o privilégio das normas e dos valores próprios de uma categoria” (De CERTEAU, 1995, p. 227). Ou seja, era sua missão, talvez não tão clara no começo, mas decerto guiado por uma imagem desejada, envolver num círculo harmônico o icosaedro das diferentes realidades que não poderiam simplesmente ser ignoradas.

Se conseguíssemos reduzir todas as facetas do projeto na face multifacetada da *Coleção Mossoroense*, poderíamos dizer que se trata de um veio por onde escoam discursos inéditos ou se requebra textos já publicados, uma janela de divulgação científica (durante muito tempo praticamente a única em Mossoró) e uma forma de se fazer política cultural em nome de uma cultura política forjada durante décadas por intelectuais locais – homens da ciência e do campo universitário que em suas ações emblemam a questão da posição moral a eles atribuída ou por eles abraçada que parece os equidistar entre a cultura e a política (BOBBIO, 1997: 21-23).

Por fim, vale salientar que a porção cultural do projeto político merece duas observações: a primeira, seja qual for a posição diante da manutenção dessa imagem construída sobre Mossoró, é praticamente impossível discutir a história da cidade sem enfrentar a questão – vide a considerável quantidade de textos, acadêmicos ou não, que nos últimos anos, detendo-se nos mais diversos temas, acabaram por tocar a temática, tamanha sua força e penetração. A segunda questão, ainda mais importante, é que Mossoró está inserida no rol dos lugares que se tornaram “comunidades imaginadas”, verdadeiros “países” que cultivam uma espécie de nacionalismo, dando-se a ler como um espaço singular que se impõe diante dos demais lugares, com suas lideranças atribuindo a si mesma um papel de autonomia (mesmo que inverídico) e a conexão com um passado longínquo quase mítico (mesmo que de construção perfeitamente verificável).

### Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

De CERTEAU, Michel. *A Cultura no plural*. 4. ed. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1995.

FELIPE, José Lacerda Alves. *A (re)invenção do lugar: os Rosados e o País de Mossoró*. João Pessoa: Grafset, 2001.

FERNANDES, Paula Rejane. *A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005*. 2014. 210 f. Tese (Doutorado em História Social das Relações Políticas) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2010.

ROSADO, Vingt-un. *A história da água em Mossoró é a própria saga heroica dos Rosado*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 2001 – Série B, n. 1963.

BOBBIO, Norbert. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Trad.: Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. *TransInformação*. Campinas-SP, 24(3):179-190, set./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a03v24n3.pdf>>. Acesso em 26 jul./2018.

RODRIGUES, João Batista Cascudo. *Fundação do ICOP*. Mossoró-RN: Coleção Mossoroense, 1991 – Série B, n. 968.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Trad.: Elisa Nazarian. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2008.